



LEVI, Primo. *Mil sóis*, poemas escolhidos. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Todavia, 2019.

## Os versos e as falenas bêbadas: *Mil sóis*, de Primo Levi

Filipe Amaral Rocha de Menezes\*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte, Brasil

filipearm@gmail.com

*Você só tem que esperar, com a caneta pronta:  
Os versos zumbem ao redor como falenas bêbadas;  
Uma vem até a chama e você a agarra.*

(Primo Levi)

A imagem das falenas embriagadas pela luz, como numa noite quente de verão, como uma alusão à elaboração de versos, inicia o poema “Um ofício”, no qual Primo Levi aborda o fazer poético como ofício do escritor. Um livro quase homônimo, *O ofício alheio*,<sup>1</sup> foi publicado pelo escritor como uma coletânea de textos, de suas contribuições para jornais, especificamente o *La Stampa*, de Turim, reafirmando uma das suas atividades laborais, a de escritor, em relação à outra, de químico. Nesse livro, ele apresenta sua faceta profissional na crítica literária, como uma grande lição de como ser um escritor. No poema, ele elabora, liricamente, uma poética de como se organizam os versos: como as falenas bêbadas. Assim: “se o dia é bom, você as dispõe em fileira,” deve-se tomar cuidado esse fazer, pois, “honrado pelo tempo/ antigo sessenta séculos e sempre novo”, abstendo-se da soberba, esse nobre ofício eleva e laurea a quem se dedica a ele.

Primo Levi iniciou-se no ofício de escritor com a publicação de *É isto um homem?*<sup>2</sup> em 1946, no qual relata sua experiência em Auschwitz. A partir desse primeiro livro, um relato autobiográfico dos horrores da Shoah, o escritor desenvolveu uma obra ampla e variada de romances, contos, ensaios e poesia. Como ele próprio confessa sobre

---

\* Doutorando em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>1</sup> LEVI, 2016.

<sup>2</sup> LEVI, 1988.



seus poemas, em uma entrevista, seria ele um autor bissexto, isto é, com pouca frequência no gênero lírico, passando por longos períodos lacunares de sua produção a momentos de espontânea atividade.<sup>3</sup> No entanto, ele publicou dois volumes que recolheriam sua obra poética variada em temas e livre das formas métricas.

Timidamente, Levi publicou seu primeiro volume de poesia de forma anônima, num pequeno volume reunindo alguns de seus poemas em 1970, com capa de papel cartonado, com o texto batido a máquina, em uma tiragem de 300 exemplares. Republicado, posteriormente, em 1975, com o título de *L'Osteria di Brema* (Osteria de Bremen), esses poemas são novamente reunidos a outros inéditos e publicados sob o título de *Ad ora incerta* (Em hora incerta), em 1984, num total de 63 poemas autorais e dez traduções.

Em *Mil sóis*, já se vislumbra, desde o sumário, a seleção de poemas oriundos de *Ad ora incerta*, acrescidos de outros encontrados avulsos na obra de Levi. Desses últimos, três foram publicados como epígrafes do livro e das seções da coletânea de contos e ensaios *Racconti e saggi*, que reúne contribuições de Levi para jornais e revistas, publicado em 1986. O poema “Aos amigos”, dedicado a Mario Rigoni Stern e Nuto Revelli abre o livro, logo após o pequeno prefácio de Levi e outros dois poemas, “O degelo” e “Um vale”, iniciam, respectivamente, as seções “Contos” e “Ensaios”, provocando um efeito instigante e enigmático.

“Aos amigos” se dedica a um conceito mais amplo de amizades, a todo aquele que “traz a marca do amigo encontrado na estrada”, lembra que “os trabalhos estão todos findos”, despedindo-se e desejando um outono “longo e brando”. Não menos instigantes, os avulsos “Um vale” e “O degelo”, que buscam na primavera sua inspiração, em meio a verdejantes e misteriosas florestas. No primeiro, “quando as primeiras marmotas despertam”, após percorrer trilhas reduzidas a rastros, em caminhos pouco conhecidos, apenas firmados na experiência, encontra-se uma “única árvore vigorosa”, “talvez seja a de que fala o Gênesis”, sem nome, porém produz uma resina “amarga e doce, fonte de esquecimento”. No segundo, o degelo do fim do inverno, do qual eu lírico cansado, após receber as marcas “na carne, na mente, em lama e lenho”, deseja “que venha o degelo e dissolva a memória da neve do ano passado”. Lembrança e esquecimento assinalam os contos e ensaios, numa aparente tentativa vã de completude. Desse modo, reunir esses textos avulsos, parece ser a ênfase do autor, não só nesta coletânea, mas em toda sua obra literária.

O embate entre lembrança e esquecimento está muito presente tanto nos versos quanto nas datas dos poemas. Todos os textos são datados e organizados em forma cronológica, perfazendo um percurso temático, como fases de sua produção poética. Como ressalta o tradutor, Maurício Santana Dias, no prefácio de *Mil sóis*, os primeiros poemas do livro, que abordam explicitamente a Shoah, se apresentam

---

<sup>3</sup> BELPOLITI, 1997, p. 199.



como num hinário sombrio no qual “temas como a deportação, a desumanização e a necessidade imperiosa de jamais esquecer os horrores vistos e experimentados” são reiterados. São poemas datados ao longo de vários meses de 1946, como “25 de fevereiro de 1944”, “O canto do corvo (I)”, “Segunda-feira” e “Shemá”, este último que aparece, também, em *É isto um homem?*

A Shoah é a temática de uma parte considerável dos poemas. Desde os primeiros, que coincidem cronologicamente com o ano de 1946, quando Levi já estava liberto, de volta à Itália, até momentos posteriores. Referências ao campo de Fòssoli, a Auschwitz, aos *partigiani*, à guerra, aos sobreviventes, ao criminoso Eichmann compõem esse percurso da memória da destruição, da estupidez humana. O poema “Pôr do sol em Fòssoli” deixa vislumbrar o estado de desolação vivido pelos aprisionados, os “já submersos”, e na imagem do ocaso solar, a falta da esperança do porvir, a chegada de “uma noite infinita”. Esses poemas são um tipo de testemunho, lírico sobre a Shoah. Mas, mesmo que no momento presente da escrita, os sobreviventes já tenham reencontrado seus casas, e tendo os ventres já saciados, como no poema “Levantar”, eles ficam de sobreaviso e alertam para a expectativa de que novamente aconteça, como nos cantos do corvo, na eminência da “batida dos passos de ferro”.

Entre os poemas, chama a atenção dois como o mesmo nome “O canto do corvo (I)” e “O canto do corvo (II)”. As datas ao final marcam os sete anos que distanciam um do outro, mas o mesmo ceticismo em relação a vida, a paz, a guerra. Nesses poemas destacam-se a iminência da destruição e a figura animal. Vários outros textos reunidos na coletânea elegem os animais como fonte de inspiração, bem como se destacam também em outros livros de Levi. Aqui, como na cultura popular, os corvos, característicos do inverno europeu, aves onívoras que se alimentam dos corpos de animais mortos, anunciam maus presságios.

Em “Inventar um animal”, artigo publicado em *O ofício alheio*, Levi lembra a complexidade de se recriar um animal artisticamente, muito embora o homem já tenha uma vasta experiência nisso. Os animais estão presentes em vários poemas de *Mil sóis*, em uma grande complexidade e variedade: são metáforas do homem, comparações para a criação de imagens e associações, como a desolação da prisioneira do campo comparada a “uma rã no inverno” ou a solidão humana na qual recorre a imagem de um “burro de carga” “preso entre duas barras e não pode olhar para o lado”. Os corvos dos dois poemas, no entanto, cumprem a função de lembrar o leitor que as coisas não estão nada bem, podendo tirar-lhes o prazer do pão e do vinho ou sombrear-lhes, sendo inútil fugir de seu agouro.

*Mil sóis* conforma-se, também, a partir de outras características da obra de Levi, a saber: certo ceticismo quanto à condição humana, quando, por exemplo, muitas vezes, os homens são comparados a animais que, sempre privilegiados, funcionam



como uma ponte, metáforas e comparações. Por fim, importante ressaltar o prefácio de Santana Dias, “A poesia de um sobrevivente”, que marca a condição de permanência do escritor mesmo em tempos sombrios, como as “falenas embriagadas”.

## Referências

LEVI, Primo. *Mil sóis*, poemas escolhidos. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Todavia, 2019.

LEVI, Primo. *O ofício alheio*. Trad. Silvia Massimini Felix. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

BELPOLITI, Marco (Org.). *Primo Levi: Conversazioni e interviste (1963-1987)*. Turim: Einaudi, 1997.

-----

Recebido em: 13/09/2019.

Aprovado em: 23/09/2019.